

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

AS TRAGICOMÉDIAS GEORGIANAS DE ELДАР CHENGUELAIA

5 E 9 DE JUNHO DE 2023

SHEREKILEBI / 1974

“Excêntricos”

Um filme de Eldar Chenguelaia

Realização: Eldar Chenguelaia / **Argumento:** Rezo Gabriadze / **Produção:** Vaja Basilaia / **Direção de Fotografia:** Geno Chiradze / **Direção de Arte:** Revaz Mirzashvili, Tengiz Mirzashvili / **Música:** Gia Kancheli e Jansugh Kakhidze / **Som:** Vladimer Dolidze / **Editor:** Neli Partsvania / **Interpretações:** Vasili Chkhaidze (Qristepore), Ariadna Shengelaia (Margalita), Demno Jgenti (Ertaoz), Boris Tshipuria (Khuta), Abrek Pkhaladze (Noshrevani), Merab Eliozishvili (Triponi), Akaki Bakradze (Mizana) / **Cópia:** Digital (DCP), a cores, falado em georgiano com legendagem em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 79 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.**

Ao sermos introduzidos à casa de Margalita – personagem que, involuntariamente, acaba por motivar as peripécias atravessadas pelas várias personagens deste filme – notamos um roxo intenso, tapeçarias com mil e um motivos, as cortinas *vaudevillianas*, - anunciam, cenograficamente, que o espetáculo vai começar. Na verdade, já o assistimos há minutos: tornou-se, logo, claro o bucolismo afável, cómico (rústico, até) das personagens; o jovem Ertaoz, cujo pai falece, subitamente, num piquenique após beber demasiado vinho, o desastrado diretor da prisão local, Khuta, que fica emperrado na chaminé de Margalita, ou o sábio e matemático Kristephore, encarcerado nas masmorras da prisão, que constrói um túnel que não conduz a lado nenhum. Há uma alegria – na fisicalidade da comédia, no absurdo das situações – que percorre este filme de Chenguelaia, o que apenas se torna surpreendente, se dele só tivermos visto os dramas menos reconhecidos de **Miqela** ou **Samanishvilis Dedinatsvali** - também ambientados num contexto rural (afinal, o realizador declarou querer ser um guarda-florestal em criança, sustentado pelos passeios que dava pelo campo).

Em **Sherekilebi**, até os destinos, à partida, trágicos das personagens (como do pai de Ertaoz) são conduzidos a uma loucura hilariante – a sua morte espelha-se numa sequência em que o jovem se surpreende ao reparar que o pai, com quem dançou e cantarolou há meros segundos, “caiu para o lado” de bêbedo. O amigo que os acompanha lamenta, no meio da situação, este ter levado os

seus 3 jarros de vinho para o céu – a comédia é desbragada, mas sempre uma camuflagem, meio para chegar a um fundo de verdade, seja acerca das modestas condições de vida destes habitantes da ruralidade georgiana, como das circunstâncias políticas em que se veem submersos. Quando Ertaoz e Kristephore finalmente alcançam o céu na sua máquina voadora, o que pretendem é a libertação, onde podemos ver, subtextualmente, um piscar de olho ao czarismo soviético – em que ponto semelhante à vontade de **Miqela** em transportar a sua casa para o outro lado da montanha? Aqui, contrariamente ao preto e branco dessa primeira incursão não-colaborativa na realização, despimo-nos de qualquer gravidade, e no seu pitoresco surrealismo, sem traços de uma qualquer rigidez, somos levados mais longe: tão longe que ousamos ver reflexos do que viria a ser a máquina do tempo de **Back to the Future**, também operada por um jovem curioso, e um cientista chanfrado. Porém, ao maximalismo tecnológico da década de 80, obtemos uma correspondência pós-irônica: uma máquina feita de madeira, de aparência artesanal – fruto de labor – que, contra todas as expectativas, atinge o impossível.

Existe uma curiosidade analógica aqui saliente, quase económica nos meios e referências (fazer muito com pouco, sonhar apesar das adversidades) que parece passar para os dispositivos formais do filme, em sequências que nos transportam até ao passado de Méliès, onde planos circulares, simulacros de uma vista telescópica do diretor Khuta, se impõem como uma lanterna mágica – dispositivos para um humor manifestamente exagerado, mas nunca anémico ou demasiado intencional. As encrencas somam-se umas às outras, num frenesim de sketches líricos, alucinatórios, (sempre deslocados da linearidade narrativa mais óbvia), onde somos levados de rajada, sem momentos mortos, e numa quase aleatória causalidade. Já os tons alegóricos recuperam um primeiro passo do cinema de Chenguelaia onde realizou, em colaboração com Alexei Sakharov (no meio desta barafunda, não confundir com o físico Andrei Sakharov), duas longas-metragens de pendor infantil, **Tetri Karavani**, e a sua estreia na realização, **Legenda O Ledyanom Serdtse** – a tal ponto que Kristephore, adoravelmente tipificado na sua voz grave e cabelos espevitados (quase carnavalesco na sua aparente maluquice), poderia, perfeitamente, enquadrar-se, hoje, numa animação da Disney – ou, não indo mais longe (voltemos agora a terra), numa personagem como Rick de **Rick and Morty**. Enquanto experiência de entretenimento, o filme parece conter tudo: persuasivos efeitos especiais, personagens “excêntricas”, situações absurdas, gargalhadas, vida, sonho, o que permite entender o seu estatuto enquanto um dos maiores sucessos da carreira filmográfica de Chenguelaia, com algumas sequências a fazerem, alegadamente, parte do imaginário coletivo do país. A sua maior proeza está em, apesar das adversidades que o alimentam (afinal, a galinha preta vai sempre calcorreando de um lado para o outro, fazendo-se prenúncio) e fecham (onde ficou Margalita, afinal?), saber fazer-se teimosamente feliz.

Miguel Pinto